

A consciência da negritude

Maria do Rosário Alves Pereira*

A produção literária de Adão Ventura pode ser dividida em três fases. Em 1971, publicou seu primeiro livro, *Abrir-se de um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Essa primeira etapa de sua obra trabalha mais o plano do significante, apresentando um refinamento linguístico e poético que por vezes chega ao hermetismo.

De 1978 a 1981, há uma certa abertura na poesia de Adão, o que poderia configurar uma segunda fase em sua obra. Seus livros principais nessa etapa são *Jequitinhonha* (poemas do vale), de 1980, e *A cor da pele*, publicado no mesmo ano. O primeiro é marcado pelo resgate da cultura mineira em uma tentativa de valorização dos elementos populares. Já o segundo configura a construção de uma poesia negra que foge à folclorização e a um apelo cultural vigente no imaginário coletivo, marcado por estereótipos; é a busca de uma identidade não mais construída sob uma perspectiva do branco, mas, ao contrário, é o ponto de vista interno de quem conhece e vivencia os estigmas da pele e contra eles se rebela. A linguagem caracteriza-se pelo abandono do excesso de metáforas dos primeiros textos e busca uma comunicação mais fácil e direta com o leitor. Um livro que, de uma certa forma, complementa o sentido de *A cor da pele*, publicado em 1992, é *Texturaafro*. Nessa obra, a temática predominante ainda é o negro e a questão identitária que perpassa o volume anterior.

A terceira fase, marcada pela publicação de *Litanias de cão* (2002), procura trabalhar uma perspectiva política e social referente não apenas ao negro, mas à problemática social brasileira num sentido mais amplo.

A cor da pele é composto por três partes que se complementam e que podem ser lidas separadamente ou em conjunto, como um grande poema narrativo. No livro 1, *Das biografias*, o título já assinala para um caráter pessoal que aparecerá nos poemas, porém pode assinalar também para uma “biografia geral do negro”, pois a condição da negritude que permeia o eu enunciador desses textos pode ser aplicada não apenas a um único indivíduo (a voz central do texto ou mesmo o autor), mas a todo um grupo social localizado no mesmo contexto sócio histórico-cultural. O primeiro poema já exemplifica isso:

Um

em negro
teceram-me a pele.
enormes correntes amarraram-me ao tronco
de uma nova África.

carrego comigo
a sombra de longos muros
tentando impedir
que meus pés
cheguem ao final
dos caminhos.

mas o meu sangue
está cada vez mais forte,
tão forte quanto as imensas pedras

que os meus avós carregaram
para edificar os palácios dos reis.
(*A cor da pele*).

O eu-lírico que se anuncia em primeira pessoa almeja uma ruptura com os valores brancos em busca de uma nova ordem simbólica. As *correntes* e *muros* que aparecem no texto são signos emblemáticos do aprisionamento: remetem à submissão e ao preconceito histórico vivenciado pelos negros. É esse preconceito que os *amarra* a um destino fatalista, impedindo-os de serem considerados cidadãos.

Em outros poemas, como “Eu, pássaro-preto”, o termo preto, tradicionalmente concebido com uma carga negativa, assume uma nova significação, pois passa a ser significar motivo de orgulho, manifestação de foga e resistência:

eu,
pássaro preto,
cicatrizo queimaduras de ferro em brasa,
fecho corpo de escravo fugido
e
monto guarda
na porta dos quilombos.
(*A cor da pele*).

Pássaro preto remete a ave que ficava no alto das palmeiras à porta dos quilombos e avisava sobre a aproximação de alguém estranho, mas remete também à metáfora do negro em busca de sua liberdade. O signo é ressignificado, pois o território cultural a que ele pertence não é o mesmo território do branco, no qual assume uma carga semântica negativa. Ao contrário, a simbologia aqui é de resistência, pois o pássaro preto *fecha o corpo*, e de proteção (*monto guarda na porta dos quilombos*). Emblemático também é o *ferro em brasa* que aparece no poema: utilizado para ferir e marcar (ou melhor, estigmatizar) os negros, esse instrumento simboliza sua subjugação. No entanto, o pássaro preto cicatriza as queimaduras provocadas.

Em seu livro *Texturaafro*, publicado em 1992, “Adão Ventura continua praticando um poema de textura seca, implícita, sem derramamentos”, utilizando as palavras de Duílio Gomes nos fragmentos críticos que aparecem no final da obra. O livro parece manter o mesmo tom e temática já expressos em *A cor da pele*. É dividido em quatro partes, nas quais os assuntos são mais ou menos definidos: na primeira, aparecem poemas abordando a questão de uma descendência comum aos afro-brasileiros, uma raiz cultural que os mantém interligados; na segunda, as figuras emblemáticas da resistência e do orgulho negro, como Chico-Rei e Zumbi, são exaltadas; na terceira parte, o autor problematiza a condição de indigência em que ainda vivem muitos negros: a favela, por exemplo, seria a nova senzala do século XX. Na última parte do livro, aparecem as figuras familiares ao poeta: pais e avós se tornam material poético.

De qualquer modo, a situação histórica de opressão do indivíduo negro é constantemente retratada ao longo da obra, a exemplo de *Comensais*, que aparece na parte I do livro:

A minha pele negra
servida em fatias,
em luxuosas mesas de jacarandá,
a senhores de punhos rendados
há 500 anos.
(*Texturaafro*).

A história do Brasil é permeada pela exclusão dos afro-descendentes e sua submissão aos “senhores de punhos rendados” que estão no controle do sistema econômico, político e social do país há 500 anos. É o negro que, com a exploração de sua força de trabalho, ajuda a alimentar o sistema vigente, mas nem por isso tem sua cidadania assegurada de forma plena.

De acordo com o que foi exposto, pode-se afirmar que Adão Ventura foi um dos autores que contribuiu de modo relevante para a consolidação de um sistema literário afrodescendente. Em seus poemas, o eu-lírico que se enuncia assume um posicionamento próprio, único, de um indivíduo que tem consciência da negritude e, mais ainda, admite e valoriza sua identidade. O passado histórico é ponto de partida para reflexões e, ao mesmo tempo, para o resgate e valorização de uma ancestralidade negra. Retomando as palavras de Cuti, “hoje é amanhã e ontem, dentro e fora do ser humano” (*Cadernos Negros 4*, 1981, p. 27). Por isso esse passado é, também, elo com um presente em que ainda persistem *velhas correntes* do aprisionamento, mas que, ao mesmo tempo, aponta para um futuro em que a conscientização fará diferença.

Referências:

BERND, Zilá. Em torno da literatura negra brasileira. In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: v.49, 1988.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CUTI, Luiz Silva. “Lembrança das lições”. In: *Cadernos Negros 4*. São Paulo: Edição dos Autores, 1981.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Ed. comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. São Paulo: USP, n° 28, 1988.

SANTOS, Jussara. *Afrodicções: identidade e auteridade na construção poética de três escritores negros brasileiros*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Belo Horizonte: 1998.

VENTURA, Adão. *Abrir-se de um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Belo Horizonte: Ed Oficina, 1970.

VENTURA, Adão. *A Cor da pele*. Belo Horizonte: Edições do Autor, 1980.

VENTURA, Adão. *Jequitinhonha* (poemas do vale). Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, 1980.

VENTURA, Adão. *Textura Afro*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1992.

VENTURA, Adão. *Litanias de cão*. Belo Horizonte: Edições do Autor, 2002.

* Maria do Rosário Alves Pereira é doutora em Literatura Brasileira pela UFMG e professora do CEFET-MG. Integra o grupo interinstitucional de pesquisa “Afrodescendências na literatura brasileira”, vinculado ao NEIA-UFMG. Coautora de *Linhas cruzadas: literatura, arte, gênero e etnicidade* (2011).